

## A MODA DO "CAMP"

Paris foi, logo após a Segunda Guerra Mundial, o berço do "existencialismo", não da filosofia, evidentemente, mas de uma moda, de uma série de atitudes, de gostos e de afetações colocadas sob esta designação. Nova Iorque é, no momento, a capital do "camp". Não se trata de café literário, de galeria, de recepção "intelectual" onde se ouve esta palavra aplicada ao último filme de Visconti, a uma nova peça de Albee ou até mesmo a um discurso de De Gaulle. O dicionário de publicação mais recente seria incapaz de nos dar o sentido ou mesmo a origem desta palavra que se tornou a bandeira da vanguarda norte-americana. "Camp" não quer dizer nem bonito nem feio, nem bom nem mau, mas designa um "terceiro gosto", como há um terceiro mundo.

A história das grandes cidades — Atenas, Alexandria, Roma, Florença, Paris, Londres — nos habituou a essas "modas" que, além dos imperativos categóricos, estéticos e morais, expressam correntes existenciais, um clima, um humor, um jeito no vestir, maneirismos, antes mesmo de se traduzir em obras de arte.

Jean-Paul Sartre, Juliette Greco, as "caves" exprimiam a angústia de uma geração e de um momento. "Camp", pelo contrário, representa um gosto pelo jogo de palavras, pelo paradoxo, pelo artifício, pelo libertino; uma maneira de sentir e de agitar, que muitos pretendem que seja essencialmente homossexual. Sob a designação "camp" classificam-se certos quadros "pop", valsas vienenses, o Café Nicholson de Nova Iorque, o "Drugstore" de Montreal, o café "Greco" em Roma, os pré-rafaelistas, Mozart, Marlene Dietrich, Cocteau, os filmes de Fred Astaire e de Ginger Rodgers, os velhos Rolls Royces, a casa de chá "Serendipity" onde tudo, até mesmo o gelo, é barroco.

"Camp" é tudo o que é "cutê", adocicado, amável, decadente, ornado, inútil, luxuriante, um pouco frouxo,

bizarro, precioso. "Camp" é um "não" a tudo o que nos Estados Unidos é cru, direto, duro, brutal, funcional, útil, primário, simples. "Camp" é a nostalgia de fim de século, das intrigas no "Sacher" vienense, de Mariembad, do "Florian" veneziano, dos "incroyables" e dos "dandys", da doçura de viver. "Camp" é um erotismo açucarado, um doce cinismo, uma maneira delicada — mas não tôla — de sentir as coisas.

Os detratores do "camp" vêem nêlo uma "nova decadência", uma fuga diante da vida e de suas responsabilidades, uma atitude infantil, um caminho perigoso. Oscar Wilde e André Gide foram julgados pelos bem-pensantes de suas épocas como sendo os responsáveis pela corrupção dos costumes. Os teóricos do "camp", como Thomas Meshan, Susan Sontag e outros críticos, pelo contrário, exaltam suas obras além de toda medida: para eles, "Pequena Alice", de Albee, é um nôvo "Rei Lear". Revistas literárias, tão sérias como a "Partisan Review", publicam "notas sobre o camp", onde a busca do demodê, do frívolo, do surpreendente que o caracterizam, é analisada de maneira esotérica e às vezes psicanalítica. O "camp" não é mais que a inversão do sexual e do estético, o desafogo do travesti, um comportamento histerico, dizem os freudianos. Outros o consideram como um olhar impregnado de esteticismo do mundo, um esforço de refinamento.

Polêmicas sem fim colocam frente à frente os defensores do "camp puro" — certos filmes "clandestinos" da nova escola nova-iorquina — e os defensores do "camp espontâneo", do "camp planejado" e do "camp ativo". Estas nuances e subdivisões e os exemplos citados para ilustrar cada uma delas, em todo o caso, revelam-se eficazes para afastar a atenção da vida intelectual-mundana nova-iorquina do ... Vietname.

LOUIS WIZNITZER.